

As vítimas do sincicial respiratório têm até 5 anos e a maioria delas, 97%, mora em países de renda média e baixa, mostra estudo global com dados de 2019. Brasil enfrenta uma temporada de alta disseminação do patógeno

Em um ano, vírus mata 101 mil crianças

» VILHENA SOARES

Com alta circulação no Brasil, o vírus sincicial respiratório (VSR) é o responsável por mais de 100 mil mortes de crianças com até 5 anos em 2019, no mundo, alertam cientistas. Em um trabalho publicado na última edição da revista *The Lancet*, a equipe internacional mostra que o alto índice de óbitos se deu pela infecção aguda do trato respiratório desencadeada pelo micro-organismo. Esse tem sido o motivo do atual aumento das internações pediátricas em diferentes partes do país, incluindo o Distrito Federal. Para os autores da pesquisa, os dados obtidos reforçam a necessidade de desenvolvimento de vacinas e de outras estratégias eficazes de combate ao patógeno.

O artigo mostra que, em 2019, foram registrados 33 milhões de casos de infecção por VSR em crianças menores de 5 anos, levando a 3,6 milhões de internações e 101.400 óbitos. Esse número representa 2% — uma a cada 50 — das mortes anuais por qualquer causa nessa faixa etária. Para crianças com menos de 6 meses, o cenário é mais grave. No mesmo período, houve 6,6 milhões episódios de infecção, o que desencadeou 1,4 milhão de internações e 45.700 óbitos.

Nesse caso, a relação é de uma vítima a cada 28 registros. “O VSR é a causa predominante de infecção respiratória aguda inferior em crianças pequenas, e nossas estimativas atualizadas revelam que crianças de 6 meses ou menos são particularmente vulneráveis”, enfatiza, em comunicado à imprensa, Harish Nair, coautor do artigo e pesquisador da Universidade de Edimburgo, no Reino Unido.

A análise mostra, ainda, que boa parte das vítimas morreu fora dos hospitais. Globalmente, apenas 26% dos óbitos associados ao VSR ocorrem em um centro médico. Os pesquisadores explicam que esse dado é particularmente evidente em países de baixa e média renda, onde a proporção de casos de óbito hospitalar

para crianças menores de 5 anos é de 1,4%, em comparação a 0,1% em nações mais desenvolvidas.

De acordo com o estudo, no geral, 97% das mortes em decorrência da infecção pelo vírus sincicial respiratório em crianças menores de 5 anos ocorreram em países de baixa e média renda. “Nosso trabalho estima que três quartos das mortes por VSR estão acontecendo fora do ambiente hospitalar. Essa lacuna é ainda maior em países com renda econômica mais baixa, e especialmente em crianças menores de 6 meses, onde mais de 80% das mortes acontecem na comunidade”, detalha Xin Wang, coautor do estudo e pesquisador da Universidade Médica de Nanjing, na China.

Os especialistas avaliam que os dados obtidos evidenciam a falta de acesso e disponibilidade de atendimento nas regiões menos desenvolvidas do mundo, além de indicarem a urgência de adoção de medidas capazes de reverter esse cenário preocupante. “A identificação precoce de casos na comunidade, o encaminhamento para internação hospitalar de crianças doentes e programas de imunização universais eficazes e acessíveis serão vitais no futuro”, indica Wang. “Esse apelo é necessário especialmente com os casos aumentando à medida que as restrições do covid-19 estão diminuindo em todo o mundo. A maioria das crianças nascidas nos últimos dois anos nunca foi exposta ao VSR e, portanto, não tem imunidade contra esse vírus”, acrescenta Nair.

Os dados usados no estudo foram coletados antes do surgimento de casos de infecção pelo novo coronavírus. Por isso, os autores enfatizam que novas análises devem ser conduzidas, considerando que o Sars-CoV-2 também causa complicações respiratórias. “Ainda não sabemos como a pandemia pode ter afetado a carga mundial dessa doença”, pontuam.

Defesa em formação

Larissa Camargo, médica otorinolaringologista clínica e pediatra do Hospital Santa Lúcia, em

CESAR VON BANCELIS



Criança é atendida com complicação respiratória: 75% dos óbitos por infecção pelo VSR ocorrem fora do hospital



A maioria das crianças nascidas nos últimos dois anos nunca foi exposta ao VSR e, portanto, não tem imunidade contra esse vírus”

Harish Nair, pesquisador da Universidade de Edimburgo, no Reino Unido, e coautor do artigo

Brasília, explica que as crianças com até 6 meses são as mais vulneráveis devido a características próprias do sistema imune. “Ele ainda não se desenvolveu bem. E os dados altos relacionados a mortes em geral, de pacientes que não passaram por hospitais, chamam a atenção”, diz. “É uma enfermidade que pode ser identificada cedo, pois temos testes para isso, o que aumenta as chances

de cura. Porém, como vemos no trabalho, em locais menos desenvolvidos, isso não acontece, justamente por problemas na identificação e no tratamento.”

A médica brasileira lembra que, no momento, o Brasil é um dos países que têm sofrido com as altas taxas de infecções pelo VSR. “Existem diversas cidades brasileiras com filas enormes na UTI pediátrica por causa

dos inúmeros casos dessa doença, incluindo Brasília. Esse é um problema nacional que sufoca a saúde pública. Isso tem chamado a atenção de toda a área médica. Por isso, temos feito esse apelo, de ficar de olho nas crianças, principalmente quem já apresenta problemas respiratórios, como a asma”, indica.

Vacina

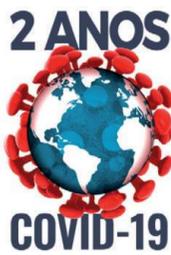
Segundo os autores do estudo, o investimento em vacinas é um caminho estratégico para reduzir o número de vítimas. No caso dos bebês, a aposta se volta para a imunização passiva, ou seja, a vacinação durante a gravidez. “Felizmente, temos inúmeras pesquisas de candidatos a imunizantes contra o VSR em andamento, e nossos dados por

faixas etárias ajudam a identificar os grupos que devem ser priorizados, incluindo as gestantes. Esse é o mesmo tipo de estratégia usada no combate a outras enfermidades infantis, como a coqueluche, a febre tifoide e o tétano”, explica Nair.

A médica brasileira também acredita que a mensagem principal da investigação é a urgência nos investimentos em estratégias que reduzam essas taxas. “Precisamos dar assistência a essas crianças, aumentar a acessibilidade e oferecer atendimento nas regiões mais vulneráveis”, indica. Segundo Larissa Camargo, a imunização para outras enfermidades também pode ajudar na proteção contra o VSR. “Quando vacinamos as crianças para outras doenças, o sistema imune é estimulado, e isso já auxilia bastante, reduzindo o risco de contrair esse vírus”, explica.

Genética pode influenciar as reações ao isolamento

O isolamento social foi uma das principais medidas adotadas para evitar a disseminação do novo coronavírus. E permanecer em casa por tantos meses gerou efeitos distintos nas pessoas — de desgastes emocionais à aquisição de bons hábitos. Em um estudo publicado na última edição da revista *Plos Genetics*, especialistas holandeses demonstram que essa diferença de desempenho pode estar relacionada à genética. Ao analisar o genoma de mais de 27 mil pessoas, a equipe identificou que, durante a crise sanitária, há



“No início de 2020, a vida em todo o mundo foi drasticamente impactada pela covid-19, uma situação singular. Estudar genes relacionados à qualidade de vida pode ser algo complicado, mas a pandemia de covid-19 nos permitiu investigar como esse evento estressante e de magnitude mundial interagiu com a genética e afetou o bem-estar”, explicam.

A equipe avaliou o genoma de mais de 27 mil holandeses, doadores de material genético para um banco de dados chamado

Lifelines. O programa de monitoramento também aplicou uma série de questionários relacionados ao estilo de vida e à saúde mental e física dos participantes, que responderam às perguntas ao longo de 10 meses, a partir de 30 de março de 2020. “Essa iniciativa buscou, primeiro, investigar os fatores de risco genéticos para a covid-19, mas também incluiu ampla variedade de comportamentos relacionados

PRAKASH MATHEMA



A permanência forçada em casa afetou as pessoas de maneiras distintas: o esgotamento mental foi um fenômeno comum

à saúde mental e física, além do estilo de vida”, afirmam.

Bem-estar

As análises indicam que indivíduos que apresentavam risco

genético alto para diversos problemas de saúde mental, como esquizofrenia e depressão, apresentavam também mais queixas de dificuldades relacionadas ao bem-estar durante a pandemia, como fadiga e exaustão.

Além disso, os investigadores descobriram que, à medida que a pandemia avançava, a tendência genética tinha uma influência cada vez mais poderosa na forma como essas pessoas percebiam a qualidade de

vida, com índices mais altos de queixas entre aquelas mais propensas a desenvolverem problemas mentais.

Segundo os cientistas, os dados obtidos precisam ser avaliados mais a fundo, com um número maior de participantes, mas indicam caminhos promissores para novos estudos na área. “Esse tipo de correlação entre comportamento e genética é difícil de ser explorada, e nosso estudo já mostra, de forma parcial, que uma predisposição genética está relacionada a prejuízos de comportamento em momentos de crises, como o período pandêmico”, justifica Robert Warmerdam, pesquisador da Universidade de Groningen e um dos autores do estudo. (VS)